

Interesse comercial leva Obama ao Myanmar

Marcelo Ribeiro

Especialistas defendem que questões comerciais e rivalidade com China contribuíram para o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, se deslocar ao país do sudeste asiático.



O encontro do presidente americano com Thein Sein teria sido uma maneira de apoiar o processo de democratização

Barack Obama visitou no início desta semana Yangon, antiga capital e cidade histórica de Myanmar, tornando-se o primeiro presidente dos Estados Unidos a visitar o país do sudeste asiático, que estava sob o poder dos militares há 50 anos.

O encontro com o presidente do país, Thein Sein, e uma líder democrática, Aung San Suu Kyi, teria sido motivado como uma maneira de apoiar o processo de democratização, segundo palavras do próprio Obama. Mas até que ponto essa atitude não seria um reflexo de interesses econômicos?

Segundo Agemiro Procópio, professor de relações internacionais da UNB, a visita de Obama não tem qualquer relação com democracia. O interesse comercial foi relevante. "Obama visitou uma área regional, na qual a China tem muita influência. O presidente americano fez isso para mostrar a projeção geopolítica dos Estados Unidos. Obama tenta estar mais presente em áreas onde a participação do seu país está cada vez mais tênue", avalia.

Mesmo Obama tendo afirmado que estava em Myanmar para contribuir com o estabelecimento de um estado de direito, ajudar a exterminar os conflitos étnicos e garantir que o país tenha mais acesso à educação, cuidados sanitários e oportunidades econômicas, o especialista considera que o posicionamento do governo americano demonstra uma tentativa de desestabilizar a China, "que detém uma senhora autoridade e poder de influência nesta região".

Por outro lado, Suu Kyi afirmou que é preciso agir com cautela e não achar que a vitória contra os militares seja permanente.

Procópio considera que a aproximação ocorre também para tentar neutralizar as divergências culturais e a distância geográfica, que são obstáculos para relações mais próximas entre os países.

"Democracia não é Coca-Cola. Não é um conceito visto frequentemente na Ásia. Sua visão política é muito mais baseada no confucionismo, em que importa mais a fraternidade do que a liberdade, em que o coletivo é mais forte que o individualismo. Essas barreiras também devem ser ultrapassadas", sinaliza Procópio.

"O governo americano está sendo muito inteligente nesta estratégia. Utiliza o discurso do apoio à democratização para promover parceria econômica para tentar rivalizar com as cooperações do governo chinês", conclui.

No mesmo contexto, Heni Ozi Cukier, professor de relações internacionais da ESPM, explica que o Myanmar é o ponto de encontro entre dois gigantes, a China e a Índia.

"A China colocou muito dinheiro para exportar por Myanmar. Preocupada, a Índia também investiu no país. Com isso, o governo de Myanmar viu que precisava de um terceiro fiador para não ser engolido por esses dois países", explica Cukier.

O especialista da ESPM considera que o processo de democratização foi a maneira que o governo do país do sudeste asiático encontrou para conseguir atrair os Estados Unidos e utilizá-lo como proteção.

Sobre a democratização, não há dúvidas que o ambiente mais conservador influencie no ritmo do processo. "A democratização deve ser lenta, mas deve ser sólida. A demora ocorre em função de muitos objetivos que devem ser cumpridos e são exigidos para esse tipo de abertura. É o início ainda, precisa mostrar muita lição de casa", sinaliza Cukier, que ainda cita as sanções contra o país como fator determinante para o início de um processo democrático.

Quando questionado sobre a avaliação do gigante asiático sobre a democratização, o professor da ESPM acredita que a proximidade com a China poderia atrapalhar o processo, em função da fragilidade política do país e da sua divisão interna.

É importante compreender que Obama pode ser uma grande força para combater a violência étnica e transmitir o recado de que as diferenças devem ser usadas como força e não como uma debilidade.

Vale lembrar, que após ser reeleito, focar a política internacional na Ásia deve ser uma das estratégias de Obama, já que o governo americano considera que a região pode ser vital para a prosperidade e segurança dos Estados Unidos.

Fonte: Brasil Econômico. [Portal]. Disponível em: <http://www.brasileconomico.ig.com.br/noticias/interesse-comercial-leva-obama-ao-myanmar_125091.html>. Acesso em: 22 nov. 2012.